



SÉRIE
FUTEBOL

APRESENTA

CAMPEÕES
PAULISTAS



SÃO PAULO

CAMPEÃO PAULISTA

91



92



São Paulo, 95







No futebol brasileiro, cada época teve o seu esquadrão. Por exemplo: O "Expresso da Vitória" vascaíno nos anos 40, o "Santos de Pelé" nos 50 e 60, o "Flamengo de Zico", nos anos 80, até chegar ao São Paulo bicampeão mundial nos 90. Mas, de todos os que assumiram esse papel, nenhum foi mais injustiçado que o Paulistano no começo do século.

Desde que foi fundado, em 1990, até o ano que encerrou as atividades futebolísticas, em 1930, o Paulistano conquistou 11 títulos. Chegou a um tetracampeonato estadual, entre 1916 e 1919, e encantou a Europa durante uma excursão, em 1925, na qual jogou 10 partidas, venceu nove e perdeu apenas uma.

Comandando o ataque desse time, um mulato de olhos verdes, filho de brasileira com alemão, chamado Arthur Friedeneich.

Artilheiro nato (marcou 1329 gols), conta-se que certa vez o São Paulo - time que ele atuou em seguida - precisava vencer o Guarani. O primeiro tempo termina em 0 a 0 e um torcedor, na arquibancada, chama Friedeneich e lhe promete um conto por cada gol marcado. É só começar o segundo tempo que o craque marca o primeiro. Logo em seguida, o segundo. Após o terceiro, desesperado, o torcedor pede para ele parar, ao que o artilheiro responde: "Só mais um de choro". E faz o quarto.

Mesmo tendo um dos principais times brasileiros, o Club Atlético Paulistano resolve, em 1930, dissolver sua equipe de futebol. O motivo alegado foi a recusa do time em profissionalizar seus atletas em um período de muitas brigas a esse respeito entre as federações que comandavam o futebol paulista: a Liga Amadora de Futebol (LAF) e a Associação Paulista de Esportes Amadores (APEA).

O que restou da dissolução foi um time que possui jogadores da expressão de Araken, Valdemar de Brito, Patuska, Luizinho e Friedenreich, além de cerca de 60 ricos sócios inconformados.

Ao mesmo tempo em que o ex-Paulistano contava com jogadores e dinheiro, a Associação Atlética Palmeiras (nenhuma relação com o atual Palmeiras) passava por sérias dificuldades financeiras. A solução não foi difícil de encontrar: a Associação Palmeiras entra com o campo da Floresta, no bairro da Ponte Pequena, enquanto o Paulistano entra com os jogadores e o dinheiro para dar continuidade à estrutura já montada. Nasce, assim o São Paulo Futebol Clube.

No dia 26 de janeiro de 1930 acontece a primeira assembléia. Nela, o doutor Walter Ostrich (Oliver) desenha o escudo do novo clube tendo as cores do Paulistano - vermelho e branco - associadas às da Palmeiras - preto e branco. O tricolor estava montado.

Após discutidos os estatutos, elege-se a primeira diretoria tendo como presidente Edgard de Souza Aranha. Entre os membros do conselho, apareciam pessoas importantes como o jornalista Julio de Mesquita Filho, de O Estado de São Paulo.

Para completar o time, é realizado no dia 2 de fevereiro o primeiro treino e uma espécie de "Peneira". No final, 29 atletas são escolhidos e, do que era para ser um time, formam-se logo dois, assim divididos:

Equipe A: Nestor, Clodoaldo e Barthô; Sérgio, Rueda e Abate; Luizinho, Otacílio, Joãozinho, Jaú e Passos.

Equipe B: Olavo, Lara e Trigo; Ângelo, Amadeu e Alves; Siriri, Serrote, Friedenreich, Araken e Scot.

O campo da Floresta é reformado e no dia 9 de março é reaberto para a realização do torneio início da APEA com o São Paulo enfrentando o Ipiranga. Formiga marca o primeiro gol do novo club.

No mesmo local, tem início, no dia 16 de março, o Campeonato Paulista. O São Paulo estreia contra o Ipiranga e empata em 0 a 0. O time que deu rumo à trajetória tricolor era formado por Nestor, Clodô e Barthô; Boock, Zito e Alves; Luizinho, Milton, Friedenreich, Seixas e Zanuela.

Edgard de Souza Aranha, além de presidente do clube, também era o homem-chefe da Light & Power e consegue, rapidamente, iluminação para



1925 Chapéu de coco, palheta, muita elegância entre os primeiros adeptos do futebol em São Paulo. Eram os ingleses, funcionários de London Bank e da São Paulo Railway



1927 Guaxupé, Minas Gerais. Tempos ainda de Club Atlético Paulistano, no círculo Friedenreich

os jogos noturnos no campo da Floresta. Só que existia um problema: a bola marrom dificultava a visão dos atletas. A solução foi encontrada pelo "seu" Joaquim, zelador, vigia e roupeiro do clube. Ele pinta bola de branco e, com isso, um combinado paulista faz o primeiro jogo noturno da cidade, derrotando o Sportivo de Buenos Aires por 8 a 1.

Tempos difíceis aqueles. O São Paulo, ainda se organizando e enfrentando todos os problemas técnicos e administrativos decorrentes disso, consegue chegar ao vice-campeonato com apenas uma derrota.

Nesse ano, a Revolução de 30 impede a realização do Campeonato Brasileiro. Para manter os times em atividade são marcados vários amistosos intencionais.

Já em 1931, o clube conquista o primeiro Campeonato Paulista de sua história. O então técnico, Rubens Salles, monta uma boa equipe que chegaria, nos três seguintes, a um tri-vice-campeonato. Tudo ia bem até que os dirigentes resolveram montar a luxuosa sede do Trocadero, na rua Conselheiro Crispiniano.

De queda em queda - O clube assume uma dívida de 190 contos de réis, que, se era alta, também não assustava tanto.

A diretoria era formada por um grupo de homens de negócio, para os quais o dinheiro sobrava. Bastava uma reunião e um pouco de boa vontade para que a dívida fosse saldada. Mas não foi bem isso que aconteceu.

Os dirigentes resolveram cruzar os braços e oferecer como solução uma

Tudo no nominho

1930 São Paulo da Floresta. Sérgio, Clodoaldo, Nestor, Block, Araken, Friendenreich, Zanuela, Rueda, Formigão, Serrote, Barthô, Siriri e Segati



1925 Pedroza, Agostinho, Iracino, Fiorotti, Damasco, Felipelli, Mendes, Armandinho, Elisio, Araken e Bertoletti



nova fusão, desta vez, com o Clube de Regatas Tietê, que absorveria a dívida e, como pagamento, ficaria com o patrimônio da Floresta. Só que de posse da Floresta, o Tietê extinguiria o time de futebol do São Paulo.

Sócios e jogadores inconformados entram na justiça e ganham em primeira instância, impedindo a transação. A diretoria recorre da decisão e consegue convocar uma assembléia geral para acertar a negociação com o Tietê. Na assembléia, só os sócios fundadores ganham o direito de voto e acabam aprovando a fusão.

Derrotados, os jogadores fundam um time: o Independente, que acaba tendo vida curta. Outro grupo funda o Estudantes, que também não empolga. A saudade do São Paulo era forte e, com isso, um grupo de apaixonados tricolores resolve, na base da vontade, remontar o clube.

No dia 16 de dezembro de 1935, às 10 horas da noite, ressurgiu o São Paulo Futebol Clube, tendo como primeiro presidente, Manuel do Carmo Mecca. Ainda revoltados, os fundadores incluem no estatuto um artigo proibindo a admissão de sócios que haviam feito parte da antiga diretoria.

Para formar um novo time, o tenente Porfírio da Paz recruta em São Paulo alguns jogadores que sobravam em outros clubes, enquanto Mecca e Del Debbio, o técnico, partem para Curitiba em busca de atletas e trazem o goleiro King, Segôa e José.

A equipe realiza dois treinos, um contra o C.A. Paulista e outro contra o Palestra Itália, e parte para a estratégia no Campeonato Paulista de 1936, no dia 25 de janeiro, contra a Portuguesa Santista, um dia depois da inau-

guração da nova sede, localizada à praça Carlos Gomes, 38.

O jogo quase não aconteceu. Estava sendo realizada uma parada militar na avenida Paulista e a Secretaria de Educação proibia qualquer manifestação que pudesse afastar o público. O tenente Porfírio da Paz sobe no palanque e, depois de uma conversa com o secretário Cantídio Campos, consegue a autorização para o jogo. E o mais interessante: por escrito, em papel de livro de receitas médicas do secretário. O time jogou com King, Rui e Picareta; Ferreira, José e Segôa; Antoninho, Gabardo, Fogueira, Carrazo e Paulinho, e venceu por 4 a 2.

O clube, apesar de contar com grande torcida, tinha um quadro associativo pequeno. Os treinos eram cada dia em um lugar diferente. Apesar disso, em 1937, os dirigentes tomaram conhecimento de um técnico que realizava um bom trabalho com times da periferia.

Gordinho e bonachão, dirigiu e permaneceu no clube até o fim de sua vida, só abandonando-o por períodos; um deles para treinar a Seleção campeã mundial de 1.958. Seu nome? Vicente Feola.

Enquanto o São Paulo continuava passando por dificuldades, o outro embrião que surgiu da velha equipe da floresta, o Estudantes, também não passava por uma situação agradável.

Apesar de contar com um bom time e um campo de futebol cedido pela Companhia Antártica, os Estudantes sofriam dificuldades financeiras. Quem sabe uma nova fusão?

O namoro entre os dois clubes seguia mas sempre esbarrava em um problema: ninguém abria mão do nome. A solução só aconteceu após uma greve dos jogadores estudantinos, revoltados com o atraso do pagamento. Os dirigentes tricolores conseguiram um dinheiro para contornarem a situação e, após algumas discussões, decidiu-se pela associação entre os dois clubes. Mas o presidente não poderia pertencer a nenhum lado. Elege-se, então, Piragibe Nogueira e o São Paulo sai do aperto.

Apesar de terminar o campeonato em 2º lugar, em 1941, os primeiros anos do clube foram dedicados à organização interna. São criados alguns departamentos, como o de esportes aquáticos, o feminino, e os de futebol amador, infantil, juvenil e o universitário. E se a guerra prejudicava clubes como o Germânia e o Palestro Itália, que foram obrigados a mudar de nome para Pinheiros e Palmeiras, por outro lado trouxe benefício ao São Paulo.

Havia no Canindé um clube de imigrantes alemães dedicado quase que exclusivamente à ginástica. Com a guerra, a agremiação ficou em má situação e, para resolver o problema, foi proposto que mudasse o nome para São Paulo e cedesse uma parte do terreno para a construção de um campo e dependências para abrigar o futebol tricolor. A proposta é aceita e o São Paulo passa a ser conhecido como o clube do Canindé. Só faltava formar um time competitivo.

O clube dá sua primeira grande cartada em 1.942. O craque da época, Leônidas da Silva, encontrava-se em dificuldades no Rio de Janeiro. Havia sido preso, acusado de falsificar papéis para não servir o Exército. O tricolor consegue sua contratação junto ao Flamengo, pagando 200 contos de réis.

Na sua estréia, os torcedores lotam o Pacaembu. No total 70.281 pessoas (recorde que permanece até hoje), pagam para ver o craque enfrentar o Corinthians e uma partida que terminou empatada 3 a 3.

A moeda cai em pé

No ano seguinte, antes do início do campeonato, acontece uma reunião na Federação com os representantes dos grandes clubes fazendo as previsões de quem seria campeão. No final, chegaram a um acordo: jogaria uma moeda para cima e se desse cara, ganharia o Palmeiras, se desse coroa, o Corinthians.

Levem o São Paulo

O São-Paulino protestou: "E como fica o São Paulo?". Os dois responderam, com uma gozação: "Só se a moeda cair em pé". No fim do campeonato, a torcida tricolor comemorou o primeiro título do novo clube desfilar com um carro alegórico representando uma moeda em pé.

Era época do esquadrão dos anos 40: Cijo, Piolim e Renganeschi; Rui, Bauer e Noronha; Luizinho, Sastre, Leônidas, remo e Teixeira. Com esse time, o São Paulo quase chega ao pentacampeonato, não tivesse perdido a final de 1947. Mas das cinco ganhou quatro: 1945, 46, 48 e 49; a de 1946 em uma final inesquecível contra o Palmeiras.

As duas equipes entram em campo e o Palmeiras começa melhor a partida. O verdão perde duas chances incríveis através de Lima e Lula e o primeiro tempo termina em 0 a 0.

O segundo tempo começa mais equilibrado, mas aos 12 minutos começa a confusão: Luizinho atinge o goleiro palmeirense Oberdan em uma disputa de bola. Og parte para cima de Luizinho e, como não bastasse, a briga estende-se para as arquibancadas.

O mais difícil era encontrar quem não estivesse brigando. Como saldo, são expulsos Luizinho, remo, Villadoniga e Og Moreira.

Com nove jogadores de cada lado, agora era na raça. Renganechi, machucado, fixa-se na área palmeirense e a tática dá certo.

Aos 38 minutos, Bauer cruza, a bola encobre Oberdan e bate na trave sobrando limpa para Renganeschi: São Paulo 1 a 0. A torcida começa a festa, mas ainda passa por um susto: nos descontos, Gengo bate de fora da área, Cijo desvia e a bola ainda bate na trave antes de sair. O jogo termina e a torcida invade o gramado para comemorar junto aos bicampeões invictos de 1945/46.

Era a época dos grandes jogadores, da inesquecível linha média formada por Rui, Bauer e Noronha, e o clube seguiria, nos anos seguintes, com mais um sonho se realizando: a construção do estádio próprio.

Em 1952, Cícero Pompeu de Toledo entra em contato com Laudo natel, na época diretor do Bradesco, e propõe que ele assuma o controle do São Paulo administrativamente, em uma associação futebol-empresa, antecipando-se ao que seria a tônica dos clubes na década de 90.

Só que essa não seria a única alegria dos torcedores nos anos 50. Além dos jogadores que permaneciam no clube, viriam outros, componentes como o goleiro Poy, o lateral De Zordi, e o zagueiro Mauro, e inesquecíveis como Gino Orlando, Canhoto e Zizinho.

Mágicos da Bola

Gino foi o primeiro a chegar, em 1953, contratado junto ao Comercial. Não era espetacular como Leônidas, mas fazia gols como ninguém. Fez uma dupla inesquecível com Canhoto, esse sim um artista.

Tudo o que Garrincha fez pela ponta-direita, Canhoto fez pela esquerda. De espírito brincalhão, era a alegria da torcida e costumava fazer a seguinte proposta a seus marcadores: "Uma bola é sua, a outra é minha, e assim nós vamos ganhando a vida". Mas, na verdade parecia que todas eram dele. Natural do Maranhão, outra história que costumam contar a seu respeito é que seu pai, para impedi-lo de passar o dia inteiro jogando futebol, amarrava-o em uma mesa. Quando virava a costas, Canhoto tirava uma bolinha de papel do bolso e se divertia fazendo embaixadas.

Para completar esse timaço, nada melhor que a experiência de Zizinho. Contratado junto ao Bangu, "Mestre Ziza" chegou ao São Paulo já veterano, com 35 anos. Nada que o impedisse de ser o cérebro da equipe e acionasse com perfeição Canhoto pela esquerda e Maurinho pela direita.

Com isso, o Tricolor ficou ao estilo do clássico São Paulo X Corinthians.

A situação esquentava já na primeira partida. Em um lance casual, Maurinho quebra a perna do zagueiro Alfredo, enquanto Gino e Luizinho passam a partida inteira se xingando. Os Corinthians, incluindo a torcida, ficam revoltados.

Dias depois, os jogadores tricolores resolvem visitar Alfredo, mas, na mesma hora, os corinthianos têm a mesma idéia. Enquanto recebe uma tijolada na cabeça. Logicamente as suspeitas caem sobre Luizinho, e é nesse clima que os dois times entram em campo para a partida final.

O Corinthians começa melhor, mas o Tricolor tinha Zizinho. E é ele que, aos 17 minutos do segundo tempo, cobra uma falta colocando a bola na cabeça de Gino. O centroavante só desvia para Amaury completar.

Logo na saída, Sarará rouba a bola, toca para Zizinho que lança Amaury. Ele apenas atrai os zagueiros corinthianos e toca para Canhoto fazer 2 a 0.

O Corinthians ainda desconta com Rafael: 2 a 1. Falta pouco para acabar o jogo e o tricolor começa a dar de bico para frente. Num desses lances, a bola sobra para Maurinho que ganha de Olavo na corrida e ainda dribla Gilmar antes de fazer 3 a 1.

Na volta para o meio-de-campo, Maurinho passa a mão na cabeça do goleiro Gilmar, só para provocar, e aí começa o "pau". Todo mun-



1970 O time campeão paulista. Atrás a festa da torcida



1971 Toninho Guerreiro e Pelé, o confronto depois de jogarem muitos anos juntos

IGUARI DO GALO TRICOLOR

do correndo atrás de todo mundo, inclusive nas arquibancadas. O jogo reinicia depois de alguns minutos mas é só o juiz apitar o final da partida para começar tudo de novo. Chovem, além dos confetes e serpentinas, paus, garrafas e pedras no gramado, enquanto nos vestiários, os jogadores são-paulinos comemoram.

Mesmo enfrentando o risco de levar uma garrafada na cabeça, talvez os jogadores realizassem a volta olímpica nesse dia de soubesse que, depois deste, o clube ficaria 13 anos sem conquistar nenhum título.

Era uma época em que a diretoria tricolor vivia o sonho do estádio. O lema vigente era: "vale mais um tijolo que um jogador".

Ainda inacabado, o estádio é inaugurado no dia 2 de outubro de 1960, em um jogo contra o Sporting de Lisboa, o qual o tricolor venceu por 1 a 0, gol de Peixinho.

A construção do estádio só termina em 1970. Aí sim o tricolor formou um time a altura do estádio Cícero Pompeu de Toledo, ou, simplesmente, Morumbi. Chegam, entre outros, Gérson, Pedro Rocha, Valdir Peres e Toninho Guerreiro.

Logo no ano da inauguração definitiva do Morumbi o tricolor retoma sua trajetória de títulos. Vence o Campeonato Paulista desse ano, e conquista o bicampeonato no ano seguinte, e que é melhor, não havia acumulado um centavo de dívida apesar das dimensões do estádio.

E, 1973 é a vez de aparecer um dos maiores artilheiros da história são-paulina: Serginho Chulapa. Começou a jogar como centroavante

por acaso, após o titular Mirandinha se contundir. E é com Serginho no comando de ataque que o time chega ao vice-campeonato da Libertadores em 1974, ao título estadual de 1975 e ao título brasileiro de 1977, derrotando o Atlético Mineiro.

Quem não se lembra dessa final? O Galo com pose de "já ganhou", invicto, contra um São Paulo que a máxima qualidade que lhe atribuíam era a raça.

Para dar maior emoção, o título foi conquistado em território inimigo, em pleno Mineirão, nos pênaltis, em um show de catimbada do goleiro Valdir Peres.

Repetindo a década de 70, o São Paulo entra nos anos 80 ganhando logo um bicampeonato: 80/81. Logo a seguir, é bi-vice, para, sob o comando de cilinho, assombrar o futebol brasileiro.

De menudos a máquina mortífera

Entram em cena os "Menudos do Morumbi". Jovens promessas como Silas, Müller, Sidney e Bernardo sobem ao time principal para, junto a grandes craques como Pita, Dario Pereyra, Oscar e Careca, vencerem tudo que aparecia pela frente.

Foi assim logo no primeiro ano, ganhando o Paulista em uma final contra a Portuguesa; em 1986, vencendo o Guaraní na final mais emocionante de Campeonato Brasileiro até hoje. Em 1987, vencendo o Corinthians na Final do Paulista.

Em 1989, vencendo de novo o Campeonato Estadual.

Só que, como diz o ditado: "Tudo o que sobe tem que cair"; e o São Paulo também caiu. Chegou a ficar no Grupo Especial de disputa do Campeonato Paulista, mas a queda não foi grande; e a volta ao topo, rápida.

Sobe direto do Grupo Especial para a fase final do Paulista de 1991. Chega às finais e derrota o Corinthians em um show de Raí: São Paulo 3 a 0. Só para confirmar a volta à boa fase, vence o estadual do ano seguinte, além do Brasileiro de 1991.

Com o título nacional, o Tricolor põe em prática um velho sonho que já estava guardado há cinco anos: o Projeto Tóquio.

Tudo foi planejado nos mínimos detalhes, desde a preparação física do time até a montagem do mesmo. E que time: Zetti, Cafu, Muller, Palhinha e Raí, entre outros.

É claro que tinha que dar certo, e deu. O São Paulo vence a Libertadores e, seguir, sagra-se campeão mundial, derrotando o todo poderoso Barcelona na final.

No ano seguinte, o clube novamente prioriza as disputas internacionais e a história se repete: o Tricolor vence a Libertadores, o Mundial (derrotando o Milan na final) e, de quebra, fica com a taça da Supercopa e da Recopa.

Esse é o São Paulo supercampeão. O único clube brasileiro a igualar o Santos de Pelé, por duas vezes com o título de melhor do mundo. E só não conquistou o tri pois foi prejudicado na partida final da Libertadores de 1994, contra o Vélez Sarsfield.

Para garantir novas conquistas, o clube deu uma limpada em seu elenco. Saem aqueles que estavam insatisfeitos e chegam grandes jogadores como Donizete, Bentinho, Cláudio, Rogério e Sierra. E o principal: todos com sede de vitória.

É chegada, de novo, a hora tricolor.

1957

Zizinho, chamado de "gênio." "Professor." "Leonardo da Vinci."



1991 Final do Campeonato Paulista. São Paulo x Corinthians Morumbi lotado

Série Futebol é uma publicação da TRAMA EDITORIAL LTDA. Caixa Postal 19113 - CEP 04599-970 - São Paulo - SP - Editor: Ruy Pereira; Texto: Luiz César Pimentel; DTP: Helton Fernandes; Distribuição para todo território nacional: DINAP; Impressores de América Fotos: Agência Estado.



92



93



95



97



99



101



100



102



103



105



105



106



107



108



109



110



111



112



113



CAIXA POSTAL 19113
CEP 04599-970
São Paulo - SP

ASSINALE ABAIXO OS NÚMEROS QUE DESEJA RECEBER

SÉRIE FÚTEBOL

☐ 92 ☐ 93 ☐ 95 ☐ 97 ☐ 99 ☐ 100 ☐ 101 ☐ 102 ☐ 103 ☐ 104

☐ 105 ☐ 106 ☐ 107 ☐ 108 ☐ 109 ☐ 110 ☐ 111 ☐ 112 ☐ 113

NOME

ENDEREÇO

CEP

CIDADE

ESTADO

Envie cheque nominal à TRAMA EDITORIAL LTDA., no valor total do pedido, para a CAIXA POSTAL 19113 - CEP 04599-970 São Paulo - SP e você receberá em casa sem despesas de correio.

PREÇO POR
EXEMPLAR
POSTERS: R\$ 1,50

VALE
XEROX DO CUPOM

**COMPLETE
SUA
COLEÇÃO**

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ